

Sexualidade e Direitos Humanos: a questão da educação

Henrique Caetano Nardi

Mesa Redonda: Relación cuerpo-mente en niños y adolescentes - Experiencias educativas

No Brasil, a intensidade das formulações homofóbicas e heterossexistas presentes nas escolas é alarmante. Estudo recente da UNESCO, envolvendo estudantes brasileiros do ensino fundamental, seus pais e professores, aponta para um alto grau de rejeição à homossexualidade na comunidade escolar. As conclusões da pesquisa afirmam que um terço de pais de alunos e um quarto dos próprios alunos não gostariam que homossexuais fossem colegas de escola de seus filhos (essa taxa de rejeição chega a 60% em alguns estados). Nessa mesma pesquisa, foram selecionadas pelos estudantes do sexo masculino seis formas de violência por ordem de gravidade. A hierarquização deveria ser estabelecida entre as seguintes opções: atirar em alguém, estuprar, usar drogas, roubar, andar armado e espancar homossexuais. A agressão contra homossexuais ocupou o 6º lugar, como a ação “menos grave” que se pode praticar no ambiente escolar. Outro trabalho realizado pela UNESCO sobre os valores sociais dos professores mostrou que, embora a maioria dos professores concorde com a introdução de temas contemporâneos no currículo, tais como prevenção ao uso de drogas, saúde reprodutiva e violência; muitos ainda tratam a homossexualidade como perversão, doença e deformação moral, colaborando - pela via do silêncio ou de posturas negligentes em relação aos insultos e aos maus tratos - para a reprodução da violência associada à homofobia.

De acordo com Borrillo “a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal. Sua diferença irreduzível o coloca em outro lugar fora do universo comum dos humanos” (BORRILLO, 2000, p. 3). As manifestações da homofobia estão presentes em culturas nas quais a experiência do respeito ao outro na sua diversidade é pouco exercitado. Nossa sociedade é marcada por uma forte desigualdade (cuja marca da escravidão ainda se faz presente de forma vigorosa), a qual conjuga o desrespeito às formas não heterossexuais de sexualidade com a origem de classe, a cor e a etnia.

Resultados de pesquisas realizadas em várias partes do mundo apontam para a relação entre cultura homofóbica e alto índice de suicídio e de sofrimento psíquico (o qual pode se apresentar sob a forma de comportamentos de risco como o uso abusivo de drogas, sexo sem proteção e violência) entre os jovens gays, lésbicas e transexuais. Estes estudos apontam para uma dinâmica do sofrimento que deriva da incorporação pelos jovens da homofobia presente na sociedade, o que os leva à construção de uma imagem negativa de si mesmos.

Na direção do enfrentamento das formas de produção do sofrimento psíquico nos jovens não heterossexuais e no sentido de colaborar para a produção de uma cultura de respeito aos direitos sexuais como direitos humanos nos associamos à formação “Educando para a Diversidade” construída em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, Secretaria Estadual da Educação do Rio Grande do Sul e coordenada pela ONG nuances .

O objetivo do conjunto de ações que compõem este projeto visa a formar professores da rede de ensino e construir estratégias de combate à homofobia no contexto da escola. O projeto em questão foi aprovado e conta com o apoio do Ministério da Educação, enquadrando-se no âmbito de ações do programa “Brasil sem Homofobia” do Governo Federal.

A análise inicial dos efeitos desta formação é muito positiva. O caráter inovador da experiência foi

ressaltado pelos participantes da primeira turma (professoras e professores das escolas públicas da rede municipal), uma vez que a proposta pedagógica do projeto foi construída a partir de uma perspectiva de trocas entre professoras(es) das escolas públicas, pesquisadoras(es) e militantes de grupos LGBT. Os relatos das experiências de enfrentamento do preconceito por parte de lésbicas, transexuais-transgêneros-travestis e gays foram particularmente valorizados pelas(os) professoras(es). Entretanto, se o ganho para a aprendizagem pessoal é considerado importantíssimo e transformador, as(os) professoras(es) ainda se encontram muito receosas(os) em relação às formas possíveis de intervenção nas suas escolas de origem.

As(os) participantes compreendem que não existe uma fórmula única aplicável a todas as situações e o receio não deriva de dificuldades relacionadas às metodologias de intervenção. O receio se origina em experiências vividas na escola; como por exemplo, o simples fato de freqüentar a formação, acaba gerando a suspeita dos colegas; ou seja, como se o fato de intervir no campo do combate à homofobia, imediatamente produzisse um contágio (elas(es) passam a ser identificadas(os) como homossexuais). Além deste “efeito de contaminação” (o que as(os) expõem ao mesmo preconceito que elas(es) pretendem enfrentar), existe uma sensação de falta de informação. Acreditamos que, para além do fato de muitas vezes a formação ter sido a primeira vez que estas(es) professoras(es) tiveram a oportunidade de refletir mais intensamente sobre a sexualidade, esta demanda de informação indica um lugar de professora(or) que seria aquele que tudo sabe e para o qual a dúvida é um atestado de incapacidade. Como consequência desta incapacidade situada no campo da informação, se anuncia a necessidade permanente de um especialista. A psicologia é particularmente demandada neste lugar e buscada pelas (os) professoras(es) como uma forma de legitimação a partir de um regime de verdades que traça linhas nítidas entre o normal e o patológico no campo da sexualidade; percebemos, ainda, em algumas(uns) participantes, uma obsessiva busca de explicações para a “causa” da homossexualidade. Esta demanda se explica também pela necessidade de justificar estrategicamente as ações propostas na escola a partir da legitimidade do “discurso científico”. Este “receio da intervenção” foi discutido permanentemente durante todo o período do projeto, entretanto, apesar do sucesso dos formadores em desnaturalizar certos preconceitos e medos, este receio indica a necessidade de uma educação continuada de maior envergadura para os professores da rede.

O projeto ao qual estamos integrados (foram financiados pelo Ministério da educação brasileiro 15 projetos em todo país) tenta, de certa forma, estimular a implementação dos “Parâmetros Curriculares Nacionais” (publicados em 1995) nos quais a sexualidade é anunciada como um tema transversal. O documento que descreve os parâmetros prevê que o conteúdo de diversas disciplinas integre a sexualidade de maneira articulada com outros temas, como a ética, a saúde, o gênero, a ecologia e a pluralidade cultural. Entretanto, existem visões distintas entre os pesquisadores deste campo sobre a incorporação ou não dos parâmetros à cultura da escola; segundo algumas autoras, a motivação governamental para a inclusão da temática se deu, principalmente, com a intenção de prevenir à aids/DSTs e a gravidez na adolescência e não a partir de uma lógica de respeito aos direitos sexuais enquanto direitos humanos.

Os parâmetros se inscreveriam, portanto, em um modelo de educação sexual já presente e marcado pelo domínio da biologia (uma ciência da sexualidade – uma *scientia sexualis*, como dizia Foucault), dentro do qual a discussão da construção social da sexualidade e da diversidade de orientação sexual é ainda marginal ou ausente. Além disso, mesmo os programas dirigidos à prevenção das DSTs/aids são usualmente propostos fora dos horários de aula e representam intervenções breves e pontuais. Cabe

ainda ressaltar que as(os) professoras(es) não foram formados para desenvolver discussões no domínio da sexualidade; problema que é agravado pela presença disseminada de preconceitos de ordem moral. A partir do exposto acima, acreditamos que as atividades de formação devem ser continuadas e buscar a reflexão permanente das(os) professoras(es) quanto ao seu papel ético na formação das(os) estudantes, pois como representantes do Estado, elas(es) têm um papel fundamental no combate a toda forma de discriminação. Tanhiah (2005) aponta de forma clara a necessária intervenção da escola, uma vez que:

“Se os adolescentes LGBT se sentem vulneráveis no seio da escola, é também porque eles o são face a suas famílias. Entretanto, se consideramos a escola como essencial ao desenvolvimento das crianças; que ali passam uma parte não negligenciável de suas vidas, e que ali devem poder se sentir em segurança e se realizar, nós temos o direito de exigir que o sistema educativo leve em consideração os adolescentes LGBT, os quais se encontram sem referências, reconhecimento e/ou em sofrimento” (TANHIA, 2004, p.132).

Bibliografia:

- ABRAMOVAY, M.; CASTRO M. G. & SILVA, L. b. Juventudes e sexualidade. Brasília: UNESCO, 2004.
- ALTMANN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Estudos Feministas, 9(2): 575-585 2001.
- BORRILLO, D. L'homophobie. Que sais je? Paris: PUF, 2000.
- BRITZMAN, B. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. Educação & Realidade, 21(1): 71-96, 1996.
- BUTLER, J. Undoing Gender. New York, Routledge, 2004.
- _____. Gender Trouble: feminism and the subversion of identity. New York, Routledge, 1999.
- ERIBON, D. Réflexions sur la question gay. Paris : Fayard, 1999.
- FOUCAULT, M. Naissance de la Biopolitique : cours au collège de France 1978-1979. Paris : Gallimard-Seuil. 2004.
- _____. Histoire de La Sexualité I: la volonté de savoir. Paris : Gallimard, 1976.
- LELIÈVRE, C. & LEC, F. Les Profs, L'école et la sexualité. Paris, Odile Jacob, 2005.
- LERT, F. Traiter de l'homosexualité en milieu scolaire. In: BROQUA, C.; LERT, F. & SOUTEYRAND, Y. (org) Homosexualités au temps du sida: tensions sociales et identitaires. Paris, ANRS/CRIPS, 2003.
- LOURO, G. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (org) O corpo educado: pedagogias da educação. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.
- NARDI, H. C. & POCAHY, F. LGTB Youth and Issues in South America. In: SEARS. J. T. (org.) Youth, Education and Sexualities: an international encyclopedia. Vol. II. Westport: Greenwood Press, 2005.
- PARKER, R. & CAMARGO Jr., K. R. Pobreza e HIV/AIDS: aspectos antropológicos e sociológicos. Cad. Saúde Pública, 16 (1): 89-102. 2000
- SEARS, J. T. Introduction. In: SEARS. J. T. (org.) Youth, Education and Sexualities: an international

encyclopedia. Vol. I. Westport: Greenwood Press, 2005.

SOS Homophobie. Rapport sur l'homophobie 2005. Paris: SOS Homophobie/CGL. 2005

TANHIA, G. Enculé ! L'école est-elle homophobe ? Paris: Little Big Man, 2004.